

RELAÇÕES BRICS-NIGÉRIA E OS *NEXT ELEVEN*: AS DINÂMICAS DE PODER ECONÔMICO ANTES E DEPOIS DAS DISRUPÇÕES DA PANDEMIA DE COVID-19

Sharkdam Wapmuk¹
Oluwatooni Akinkuotu²
Vincent Ibonye³



Introdução

O artigo do Goldman Sachs 2003, *Sonhando com os BRICs: O Caminho até 2050*, liderado por Jim O'Neill, propôs que os países BRICs constituiriam o futuro motor do crescimento econômico global, e previu que seu crescimento, em termos de dólares americanos, superará o dos países do G7 até 2040 (Qobo 2011, 6). Superando a avaliação da equipe de Jim O'Neill de que a China deveria ultrapassar a Alemanha até 2007, o Japão até 2015 e os EUA até 2039, a China ultrapassou o Japão em 2009 para se tornar a segunda maior economia do mundo. Implícito no documento do Goldman Sachs estava o ponto de vista de que os tipos de políticas e instituições implementadas pelos países do BRIC para apoiar o crescimento sustentariam sua

1 Departamento de Estudos de Defesa e Segurança, Nigerian Defence Academy. Kaduna, Nigéria. E-mail: sharksnaw@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7553-8716>

2 Oxford University Press. Oxford, Reino Unido. E-mail: oluwatooni.a@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1558-3902>

3 Escola de Assuntos Públicos e Internacionais, Jilin University. Jilin, China. E-mail: vincen-tibonye@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5364-6508>

ascensão. Desde quando O'Neill cunhou a sigla BRIC, passando por sua mudança para BRICS, a fim de refletir a inclusão da África do Sul, o BRICS tem servido não apenas como uma plataforma diplomática para compromissos e negociações bilaterais e multilaterais dos Estados membros, mas também como um veículo para conduzir suas interações políticas, econômicas e socioculturais com outros países, como a Nigéria.

Apesar de países como a China terem atingido metas muito antes da linha do tempo projetada, o artigo do Goldman Sachs sobre os BRICs foi criticado por não apenas agrupar, em uma categoria especial, quatro países com pouco em comum em termos de história de crescimento, território, tamanho populacional, entre outras fraquezas inerentes, mas também por combinar numerosas variáveis complexas em uma previsão de longo prazo que compreende uma série de pressupostos políticos não científicos e, portanto, questionáveis (Bremmer e Keat 2009, 67). Reconhecendo sua omissão de outras economias emergentes naquela época, O'Neill, mais tarde, denotou esses potenciais pesos-pesados econômicos como os *Next Eleven* (Próximos Onze, em português) ou N-11 (Wilson e Stupnytska 2007). Quatro anos após o *Sonhando com os BRICs*, o mapeamento subsequente do Goldman Sachs dessa diferente camada de economias, consideradas em ascensão em seu documento de 2007, intitulado *O N-11: Mais do que um Acrônimo*, focalizou um grupo de países que poderiam se tornar centros de crescimento futuro devido a suas características demográficas. De acordo com o documento, "Nigéria e Indonésia têm a escala para serem importantes, se conseguirem apresentar crescimento sustentado" (Wilson e Stupnytska 2007). Os outros países na designação N-11 são Bangladesh, Egito, Irã, México, Paquistão, Filipinas, Coreia do Sul, Turquia e Vietnã, representando uma mistura de democracias e de regimes autoritários. Em comparação com o *Sonhando com os BRICs*, o documento tem uma visão mais ampla em sua reflexão sobre tendências relacionadas à demografia, tecnologia, energia, urbanização, infraestrutura e capital humano, e o que esses países podem fazer para sustentar seu crescimento.

Desde a apresentação de O'Neill, das peças de publicação da Chatham House às conferências realizadas pelo Woodrow Wilson Center, não falta atenção acadêmica e política nem o foco em qual das cinco principais economias nacionais emergentes seguirá a tendência dos BRICS de impulsionar as relações regionais Sul-Sul. Embora a atenção global tenha sido voltada para o papel dos BRICS durante o surto da Covid-19, pouca atenção tem sido dada a outras regiões. Isto, em parte, tem sido um reflexo severo não apenas do viés da indústria global da mídia, mas também da gravidade dos recentes eventos sanitários globais e de como os países com potencial para causar

um impacto econômico e político significativo na economia mundial têm se posicionado como resultado de uma mudança no foco global em direção à saúde da população e à saúde econômica. Como os serviços de saúde de baixa qualidade se tornam cada vez mais uma característica significativa que impede o progresso na melhoria da saúde e das atividades econômicas em países em todos os níveis de renda, existe o medo de que regiões mais necessitadas estejam sendo afogadas do quadro global por discussões e debates que em grande parte acontecem de Washington a Pequim.

Sob essa luz, o relevante para este estudo é a análise sobre a posição da Nigéria nos *Next Eleven* em relação aos BRICS. Com base na suposição de que o grupo dos “*Next Eleven*” estava no caminho certo para alcançar os BRICS a níveis de crescimento sustentado, o lançamento do relatório dos *Next Eleven* por O’Neill trouxe à tona as perspectivas do surgimento de outro grupo de poder ou da ampliação dos BRICS no futuro. É neste contexto que o artigo examina os elementos de poder da Nigéria que poderiam ser aproveitados para impulsionar a nação a alcançar a grandeza, e conclui observando que as perspectivas do surgimento do país como potência econômica e o futuro de suas relações com o bloco de poder global emergente, como os BRICS, estão ligadas à sua superação dos desafios críticos que tornaram o país prostrado mesmo antes das interrupções da COVID-19 em sua economia.

Os BRICS e os “*Next Eleven*”: Sucesso e Impacto dos BRICS

Desde 2003, quando o Brasil, a Rússia, a Índia, a China e (incluída posteriormente) a África do Sul (BRICS) foram nomeados como os países em desenvolvimento mais rápidos e com maior potencial econômico, eles continuaram a se desenvolver, embora em taxas diferentes, e têm incentivado os analistas a olhar para a próxima camada de economias emergentes. Esta situação levou o economista-chefe do Goldman Sachs, Jim O’Neill, a cunhar o agora famoso acrônimo BRIC(S) não apenas em reconhecimento aos sucessos individuais e coletivos desses países na atividade de mercado, mas também pelo fato de que eles estavam realmente se desenvolvendo a um ritmo suficientemente rápido para ajudar a manter a economia global flutuando em meio à crise financeira na Europa e nos EUA à época. Em um nível, tem sido argumentado que enquanto as antigas potências econômicas (G7 – EUA, Japão, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Canadá e Itália) enfrentavam dificuldades econômicas, perturbadas por crises e perdendo o domínio no mercado mundial, as economias de mercado emergentes do Brasil, Índia, Rússia e China – com seus recursos especiais, população e

vantagens de mercado – agarravam a oportunidade e melhoravam muito seus respectivos poderes nacionais. Em outro nível, também tem sido argumentado que a ascensão dos BRICS decorre do crescente descontentamento e ressentimento das economias em desenvolvimento contra as instituições econômicas internacionais tradicionais (Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial), especialmente dada a propensão destas últimas em minar as instituições econômicas das primeiras por meio de políticas econômicas estranguladoras (Folarin, Ibietan e Chidozie 2014).

O conceito “BRICS” teve algum sucesso como uma previsão de investimento durante uma época em que algumas economias em todo o mundo enfrentavam enormes déficits orçamentários, crescimento econômico anêmico e aumento do desemprego. Isto se deveu, em parte, ao agrupamento de quatro (agora cinco) nações aparentemente não relacionadas em uma categoria econômica que, segundo o que os economistas têm projetado, alcançarão muito bem os países da OCDE em suas proezas econômicas em 40 a 50 anos. Alguns analistas financeiros, particularmente do novo fundo Castlestone, argumentaram que os retornos dos BRICS superaram praticamente qualquer outro produto de capital desde que o conceito foi criado (Johnson 2012). Acredita-se agora que as projeções dos BRICS do Goldman Sachs eram, de fato, conservadoras e justificavam uma revisão. Novas projeções mostram os BRICS como um grupo que cresce mais rapidamente do que antes.

Como resultado, a China supera os EUA mais cedo (2027 vs 2035) e ultrapassa mais dramaticamente do que antes (em 2050, projeta-se que será 84% maior, no lugar dos 41% previstos), ao passo que a Índia também essencialmente alcança os EUA até 2050, enquanto antes se projetava que alcançaria apenas 72% da economia dos EUA. As projeções tanto da Rússia como do Brasil também são um pouco maiores (Wilson e Stupnytska 2007, 138, tradução nossa).

Não há dúvida de que as nações BRICS contribuíram para o crescimento da economia global. Em 2012, Brasil, China, Índia e Rússia foram responsáveis por um quarto da produção global, um número que deverá aumentar para aproximadamente um terço até o final da década. Os analistas econômicos haviam previsto que a China se tornaria muito provavelmente a maior economia do mundo antes disso. Caso a Índia continue a crescer ao lado de muitos dos populosos mercados emergentes do mundo, as projeções a colocam entre as principais potências econômicas mundiais (The Economist 2013). Previa-se que os BRICS seriam responsáveis por 37% do crescimento global no período 2011-16, com a China contribuindo sozinha com 22% (Thornton 2012). Em termos de rentabilidade comercial, a China

liderou o caminho, com 61% líquidos esperando um aumento em 2012, um pouco à frente de Brasil (60%), Índia (57%) e Rússia (42%) (Thornton 2012). A análise do desenvolvimento econômico da China havia colocado seu produto interno bruto em quase 40 trilhões de RMB (£4 tri; \$ 6,3 tri), partindo de um patamar de menos de 10 trilhões de RMB, e subindo da 6^{ffi} para a 2^{ffi} posição no ranking mundial. Seu comércio exterior havia aumentado de menos de US\$ 500 bilhões para quase US\$ 3.000 bilhões, colocando a China mais uma vez em segundo lugar no mundo (Fubin 2011). Apesar deste crescimento, a China precisa de sua cooperação com os outros BRICS e com países não-BRICS, tanto quanto eles precisam da participação da China no mundo. O crescimento anual do PIB da Índia foi de cerca de 6,5% em 2012; a Rússia havia despertado após seu período inicial de choque; o PIB do Brasil estava liderando a América do Sul; a África do Sul havia dado aos BRICS um maior alcance e acesso aos mercados africanos (Fubin 2011). De fato, em uma conferência sobre mercados de alto crescimento organizada pela *The Economist*, O'Neill descreveu os BRICS como “o motor de tudo o que é positivo na economia mundial” e que deveria ser agrupado ao lado da Indonésia, México, Coreia do Sul e Turquia como “mercados de crescimento” (Thornton 2012).

Os “Next Eleven”

Em resposta ao clamor dos analistas por uma repetição de um impacto do tipo BRICS e a busca pelo próximo grupo de países com impacto transformador semelhante na economia mundial, o Goldman Sachs publicou um documento de acompanhamento que identificou o que O'Neill chamou de os “Next Eleven” (N-11) mercados de crescimento. De acordo com Wilson e Stupnytska (2007), a lógica por trás da seleção dos países N-11 era simplesmente que eles eram o próximo conjunto de países de grande população depois dos BRICS. O Goldman Sachs identificou os *Next Eleven* (N-11) de forma a incluir Bangladesh, Egito, Indonésia, Irã, Coreia do Sul, México, Nigéria, Paquistão, Filipinas, Turquia e Vietnã. Como economias emergentes, todas as nações BRICS tinham mais incentivo para participar e manter relações comerciais ativas com os EUA, entre si, e com outros países do mundo.

A diferença no caso do N-11 é sua diversidade, tornando difícil para os analistas, particularmente o Goldman Sachs, generalizarem. Consequentemente, Lawson, Heacock e Stupnytska, em 2007, fizeram uso de certas medidas (energia, urbanização, infraestrutura, saúde e tecnologia) para apresentar interessantes histórias de crescimento da N-11 que, embora possam não

ter o mesmo impacto transformador na economia mundial que os BRICS, têm apresentado respostas a questões de globalização e cooperação. Em um mundo multipolar no qual os monopólios do poder econômico e político estão se difundindo, a ideia das nações N-11 é mais uma abordagem dos sistemas não atlânticos que esperam influenciar e moldar as normas de governança global para atender aos seus interesses.

Nigéria e os BRICS

Nigéria e Brasil

A partir dos anos 2000, os laços econômicos entre a Nigéria e o Brasil têm se baseado em três fatores-chave: o reconhecimento do Brasil como uma potência emergente na comunidade internacional; o desejo da Nigéria de maximizar seus laços com o Brasil em direção ao desenvolvimento nacional; e a necessidade brasileira de recursos da Nigéria para suas demandas internas de industrialização. Um acordo bilateral entre os dois países em setembro de 2005 viu o valor do comércio bilateral aumentar para mais de US\$ 2 bilhões (Lohor 2005). Entre 2003 e 2005, o valor das exportações de *commodities* da Nigéria para o Brasil subiu de cerca de US\$ 1,5 bilhão para US\$ 5 bilhões, colocando a Nigéria como o quinto maior exportador de mercadorias para o Brasil, depois de nações desenvolvidas como os EUA e a Alemanha, entre outras. Por parte do Brasil, o valor das exportações para a Nigéria subiu a um ritmo diferente, atingindo US\$ 643.000 em 2005. O campo da energia é um ponto de comércio mútuo para ambos os países, considerando o interesse da Nigéria em desenvolver fontes alternativas de combustível e a expertise do Brasil no desenvolvimento de combustíveis bio-fósseis evidenciada em seu uso de etanol (Relatório de Imprensa do Grupo dos Quinze 2006). O comércio entre os países foi de cerca de US\$ 8,2 bilhões em 2008 e subiu para US\$ 9,6 bilhões (N 1,5 trilhões) até 2012 (Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Nigéria 2012). Enquanto o valor das importações nigerianas do Brasil foi de US\$ 1,2 bilhão, suas exportações para o Brasil tiveram valor de US\$ 8,4 bilhões (Vanguard News 5 out. 2012). Segundo o banco de dados COMTRADE das Nações Unidas sobre comércio internacional, enquanto as exportações da Nigéria para o Brasil foram de US\$851,59 milhões durante 2019, suas importações do Brasil foram de US\$705,21 milhões no mesmo ano (COMTRADE 2019a; COMTRADE 2019b). A Nigéria é o segundo maior

parceiro comercial do Brasil na África Sub-Sahariana e o 11º no mundo. O Brasil surgiu como o segundo maior importador de petróleo bruto nigeriano, depois da Índia.

O petróleo e o gás tradicionalmente constituem a principal mercadoria de exportação da Nigéria para o Brasil. Atualmente, a Nigéria é o maior fornecedor de petróleo do Brasil. Em agosto de 2009, o falecido Presidente Umaru Musa Yar' Adua fez uma visita oficial ao Brasil, durante a qual foram realizadas discussões sobre a possibilidade de utilizar o comércio de petróleo para o desenvolvimento de infraestrutura; o interesse da Nigéria na vasta capacidade de geração hidrolétrica do Brasil e a questão da sustentabilidade energética. O Brasil participou posteriormente de licitações abertas para controle de alguns blocos petrolíferos da Nigéria, estabelecendo uma Comissão de Energia entre eles para facilitar a transformação do setor energético da Nigéria. Em 2012, houve a visita igualmente bem-sucedida da Presidente do Brasil à Nigéria, precedida por uma delegação de investimento preparatória do terceiro maior conglomerado do país, o Grupo Queiroz Galvão, cujos interesses na Nigéria atravessam vários setores, incluindo transporte, energia e imobiliário, entre outros (Yemi 2012). Hoje, a orientação do governo do presidente Bolsonaro para a expansão do agronegócio se reflete no “Green Imperative”, um programa bilateral de desenvolvimento agrícola de US\$ 1 bilhão entre os dois países. Concebido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a parceria de 10 anos procura expandir a agroindústria da Nigéria, empregando um plano de negócios integrado que inclui treinamento da força de trabalho, a introdução de uma lógica financeira e o aumento da produtividade por via da modernização do campo (Romildo 2019).

Nigéria e Rússia

A relação entre os dois países, que começou discretamente ainda nos anos 60, tornou-se uma parceria estratégica em 2010. Durante a visita do ex-presidente Obasanjo à Rússia, de 5 a 7 de março de 2001, foi estabelecido o marco legal para a eventual criação da Comissão Intergovernamental de Cooperação Econômica e Científico-Técnica (ICESTC) entre os dois países. Dos vários intercâmbios de alto nível que se seguiram nos anos seguintes, a visita do então Ministro das Relações Exteriores da Nigéria, Chefe Ojo Maduekwe a Moscou, em março de 2009, com base no escopo do ICESTC, e as discussões com seu homólogo russo, Sergei Lavrov, culminaram na visita do Presidente russo, Dmitry Medvedev, à Nigéria em 24 de junho de 2009 – a primeira visita do tipo de um líder russo à nação mais populosa da África. Seu ponto alto foi a assinatura, em 29 de junho de 2009, de seis acordos

bilaterais que incluíam: o Acordo de Promoção e Proteção de Investimentos; o Memorando e Artigos de Associação sobre Joint Venture entre a Nigeria National Petroleum Corporation (NNPC) e a Gazprom, etc.

Entre 1999 e 2003, o comércio entre os dois países cresceu de US\$ 30,1 milhões para US\$ 80,6 milhões. Mas, segundo Oleg Vlasov, Conselheiro na Embaixada da Federação Russa na Nigéria, a taxa de crescimento não refletiu as oportunidades disponíveis em ambos os países (The Guardian, Nigéria, 2005, 17). O comércio entre os dois países subiu de US\$ 300 milhões em 2010 para cerca de US\$ 350 milhões (cerca de N56 bilhões) em 2013 (The Nigerian Voice 18 fev. 2016).

Mais recentemente, a Cúpula de Sochi, realizada em outubro de 2019, viu a entrada de ambos os países em 13 Memorandos de Entendimento (MOU) em múltiplos campos. Enquanto a Nigéria busca a recuperação econômica, um acordo que poderia ter o impacto mais profundo seria no setor petrolífero, modernizando a relação entre a NNPC e a gigante petrolífera russa Lukoil, para uma parceria governo-a-governo, trabalhando em operações de upstream; para reformar as refinarias não funcionais da Nigéria, bem como para reviver e fortalecer um empreendimento (inicialmente avaliado em US\$ 1-2,5 bilhões) entre a NNPC e a Gazprom da Rússia para a exploração, produção e transporte de petróleo e gás, processamento de gás e construção de usinas elétricas na Nigéria (Ogunmade 2019). Na indústria de aço nigeriana, o projeto da Ajaokuta Steel Rolling Mill seria reavivado pelo grupo russo de construção e engenharia MetProm, que concordou em completar a montagem da usina e colocá-la em atividade. Outro importante acordo alcançado abrange a assistência a longo prazo das Russian Railways na restauração das ferrovias e do material rodante da Nigéria e na expansão de sua rede ferroviária com novas linhas (The Guardian News 25 out. 2019).

Nigéria e Índia

Do número de intercâmbios de alto nível registrados entre a Nigéria e a Índia desde 1962, a visita do Ministro das Relações Exteriores da Índia, Shri Jaswant Singh, à Nigéria em março de 2000 viu a reativação da Comissão Mista Índia-Nigéria e a revitalização da indústria de Nigeria Machine Tools em Osogbo. Posteriormente, a visita oficial do Primeiro Ministro indiano, Sr. Manmohan Singh, de 13 a 17 de outubro de 2007, resultou na assinatura de vários acordos, que ficaram conhecidos como a Declaração de Abuja sobre Parceria Estratégica entre a Nigéria e a Índia, e outros memorandos de entendimento, que, em geral, enunciam uma visão abrangente da parceria estratégica Índia-Nigéria com ênfase em uma parceria energética mais estreita.

A Nigéria e a Índia têm mantido relações bilaterais estreitas mesmo durante a era pandêmica da COVID-19. Os dois países adotaram e adaptaram-se ao novo normal, incluindo plataformas virtuais para reuniões diplomáticas e de negócios (Alto Comissariado da Índia 2020).

O período da COVID também proporcionou uma oportunidade para a exploração de voos diretos da Nigéria para a Índia por uma companhia aérea nigeriana. De fato, mesmo antes do surgimento da COVID-19, a Nigéria surgiu como uma das principais fontes de petróleo bruto da Índia, fornecendo cerca de 8-12 por cento de suas necessidades (Alto Comissariado da Índia, Abuja, Nigéria 16 de março de 2011). Entre 2005 e 2007, as empresas indianas participaram de rodadas de licitação para os blocos de petróleo da Nigéria e obtiveram uma série deles. A ONGC Mittal Energy Limited (OMEL) ganhou três blocos (OPL279, OPL285 e OPL297); Sterling dois (OPL2005 e OPL2006); e Essar um (OPL226). A ONGC Videsh Limited (OVL) já tem três blocos na Nigéria – OPL279 e OPL285 (ganhos em 2005) e OPL246 (ganho em novembro de 2006) (Vines et al. 2009). O governo indiano aprovou o pedido da OVL de investir US\$ 359 milhões durante a primeira fase de exploração nos dois blocos de águas profundas, cujos orçamentos da OVL foram de US\$ 1.195 milhões para a OPL279 e US\$ 164 milhões para a OPL285, incluindo o bônus de assinatura e o custo de aquisição. A zona de desenvolvimento conjunto Nigéria-São Tomé foi apoiada pela OVL por meio de uma participação de 15% em um dos blocos de petróleo da zona, marcando assim a entrada da OVL na Nigéria.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores da Nigéria, o comércio indo-nigeriano atingiu um pico de US\$ 10,2 bilhões entre 2008 e 2009, e mergulhou para US\$ 8,7 bilhões de 2009 a 2010 tendo sido impactado pela crise financeira global. De 2010 a 2011, o comércio bilateral aumentou em 50% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Entre 2011 e 2012, as estimativas comerciais entre os dois países foram de US\$ 12 bilhões. O comércio entre eles aumentou significativamente, atingindo US\$ 16,36 bilhões em 2014/2015, enquanto os investimentos indianos na Nigéria totalizaram US\$ 5 bilhões. O comércio entre os dois países chegou a US\$ 11,76 bilhões em 2017-18.

Em geral, a balança comercial tem sido vantajosa para a Nigéria, em grande parte porque a Índia importa enormemente o petróleo bruto do país. Além disso, a Índia é um importante fornecedor de produtos farmacêuticos para a Nigéria, mesmo quando suas empresas farmacêuticas situadas na Nigéria participam da importação de medicamentos. Em junho de 2011, a empresa indiana de telecomunicações Bharti Airtel firmou uma parceria com

o Ecobank para lançar serviços bancários móveis, assim como uma grande variedade de serviços financeiros móveis (Chima 2011). Com um investimento de US\$ 600 milhões na indústria de telecomunicações da Nigéria, a Bharti Airtel adquiriu a representação da Zain Telecom na África por US\$ 10,7 bilhões, vindo a expandir-se para o setor mais amplo de tecnologia da informação. O Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (NIIT), pertencente à Índia, realiza anualmente o treinamento de cerca de 15.000 nigerianos em tecnologia da informação e comunicação.

Nigéria e China

Desde a histórica visita do General Yakubu Gowon à China em 1974 (Bukarambe 2005, 233), as relações entre os dois países têm progredido. A capacidade de fabricação e de exportação chinesa aumentou e entre 1978 e 1979, sob o comando do General Olusegun Obasanjo, foram realizadas interações de alto nível entre os dois países para resolver um desequilíbrio comercial que surgiu e que vinha se desenvolvendo. Durante os anos 80 até o início dos anos 90, o volume de comércio entre a Nigéria e a China continuou a avançar a um ritmo lento até o ponto da transição da China em 1993 de um exportador líquido de petróleo bruto para o segundo maior importador de petróleo bruto do mundo. Sob o governo do General Sani Abacha, a necessidade de fontes alternativas de influxos estrangeiros levou a Nigéria a buscar fervorosamente a cooperação com a China, de tal forma que, em 1994, foi fundada a Câmara de Comércio Nigéria-China (Ogunsanwo 2008, 200); em 1995, a China Civil Engineering Construction Corporation (CCECC) conseguiu um contrato no valor de US\$ 529 milhões para a reabilitação do sistema ferroviário da Nigéria (Ogunsanwo 2008). Em 1997, os dois países celebraram acordos de proteção e cooperação na geração de eletricidade, produção de aço e indústria petrolífera (Utomi 2008, 40).

Logo após o retorno de altos funcionários nigerianos da conferência de outubro de 2000 do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) realizado em Pequim, ambos os países firmaram acordos estabelecendo escritórios de comércio e investimento em seus respectivos países. Em 2005, as relações entre Nigéria e China alcançaram uma “parceria estratégica” (Obayuwana 2013, 9) ancorada em uma relação mútua sobre comércio, transferência de bens e tecnologia, e cooperação para o desenvolvimento. No final de 2008, o valor total dos investimentos chineses na Nigéria era de US\$ 6 bilhões (Mthembu-Salter 2009, 6) – um pico atribuível à política “petróleo por infraestrutura” de Obasanjo, que exigia que os chineses incorporassem o provimento de projetos de infraestrutura para licitações de petróleo bruto

nigeriano (Wong 2009, 1). Em 2012, a Nigéria tornou-se o terceiro maior parceiro comercial africano da China, com um volume de comércio entre eles de US\$ 10,57 bilhões, além de US\$ 8,7 bilhões em investimentos diretos não financeiros dos chineses (Obayuwana 2013, 9), embora o controle de qualidade das importações da China continue a representar um problema para a cooperação comercial. O compromisso da China com os laços econômicos com a Nigéria é evidente em importantes parcerias de desenvolvimento em setores críticos da nação. No setor siderúrgico, a usina de rolos de aço a frio de US\$ 1,3 bilhões estabelecida pela empresa chinesa Western Metal Products Company Limited (WEMPCO) em Ibafo, Estado de Ogun, está pronta para operação (Momoh e Coker 2012, 4).

O ano de 2016 marcou a visita do Presidente Muhammadu Buhari à China, durante a qual foi assinado o acordo de troca de Naira e Yuan (Renminbi), levando alguns a argumentarem que sua consumação, entre o Banco Central da Nigéria (CBN) e o Banco Industrial e Comercial da China Ltd (ICBC) (o maior credor do mundo por ativos totais e capitalização de mercado), levanta questões de soberania (The Guardian News 18 abr. 2016). No setor de energia, a North South Power Company e a Sinohydro Corporation Limited assinaram um acordo de US\$ 478.657.941,28 de dólares para a instalação de 300 megawatts de energia solar em Shiroro, Estado do Níger. Potencialmente desbloqueando um adicional de 3.600MW de energia para a rede nacional, tendo a China concordado em reavivar o projeto do Gasoduto Trans-Sahariano (TSGP) inicialmente firmado com a Rússia, mas paralisado pela atividade terrorista através da fronteira Nigéria-Níger. A respeito disso, a NNPC fechou um acordo de financiamento de US\$ 2,8 bilhões com o Banco Industrial e Comercial da China (ICBC), o Banco da China e o Banco Chinês de Infraestrutura para a construção do gasoduto Ajaokuta-Kaduna-Kano (AKK), que forma a primeira seção do TSGP, de 4.401 km de extensão, que exportará gás natural para clientes na Europa (Nyabiage 2020). Mais uma vez, um acordo importante no fórum empresarial Nigéria-China foi o acordo de US\$ 363 milhões de dólares para o estabelecimento de um parque industrial agrícola e de downstream no estado de Kogi (Dailypost 15 abr. 2016).

Nigéria e África do Sul

A relação entre a Nigéria e a África do Sul entrou em uma nova era com a entronização da democracia em ambos os países, e as eleições de Thabo Mbeki e Olusegun Obasanjo em 1999. O trabalho em equipe entre os dois líderes foi fundamental para o estabelecimento da Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (NEPAD) em 2001 e a transformação da Organização de

Unidade Africana (OAU) na União Africana (UA) em 2002 (Adebajo 2006, 1). Os dois países também estabeleceram uma Comissão Binacional para promover relações mais profundas entre si. A África do Sul é atualmente o sétimo maior parceiro comercial da Nigéria, com um volume comercial de 1,909 milhões de euros ou cerca de 2,1% do comércio mundial (FMI). As estatísticas mostram que o comércio entre os dois países cresceu de menos de US\$ 12 milhões em 1994 para cerca de US\$ 100 milhões antes de atingir um pico de US\$ 400 milhões em 2001 (Kan-Onwordi 2007, 60).

O Departamento de Relações e Cooperação Internacional da África do Sul também afirma que o comércio entre os dois países aumentou de R1.813.578.000 em 1999 para quase R11 bilhões em 2007. E a balança comercial favorece a Nigéria, apesar de sua baixa base tecnológica e infraestrutura precária. As exportações sul-africanas para a Nigéria foram de R707.253.060 e R2.960.113.000 em 2000 e 2004 respectivamente, enquanto suas importações da Nigéria foram de R1.281.293.000 e 5.195.147.000 durante o mesmo período (Ibeanu, Umezurike e Nwosu 2007, 32). O maior investidor sul-africano na economia doméstica nigeriana é a Rede de Telefonia Móvel (MTN). De acordo com Onuoha (2008), durante o período 2003/2004, a MTN registrou um lucro, após impostos, em sua operação nigeriana de R2,4 bilhões, representando 55,8% do lucro total de seus empreendimentos fora da África do Sul. Em 2003, a Nigéria havia se tornado o terceiro maior parceiro comercial da África do Sul e o maior importador continental na África, depois do Zimbábue e de Moçambique. Em comparação com mais de 100 empresas sul-africanas atualmente operando na Nigéria, apenas um punhado de empresas nigerianas como Union Bank, First Bank, Philips Consulting, News Media, Financial Standard e ThisDay Newspapers conseguiram estabelecer negócios na África do Sul (Weekly Trust 2003), que tem recusado o gesto recíproco da Nigéria em abrir seu espaço de mercado para empresas sul-africanas.

Observando que as tendências xenófobas da África do Sul contra a Nigéria se repetem em suas relações bilaterais, o atrito entre as economias dos dois países teve um certo impacto nas relações comerciais e de investimento entre eles. A essa luz, a visita oficial do presidente sul-africano, Jacob Zuma de 8 a 10 de março de 2016, foi vista como necessária para resolver uma grande disputa envolvendo a decisão da Nigéria de impor uma multa de US\$ 5,2 bilhões, que mais tarde foi reduzida para US\$ 3,9 bilhões à sul-africana MTN, devido a sua falha em registrar linhas telefônicas, conforme exigido por lei. A visita oficial do Presidente Zuma proporcionou uma oportunidade para fortalecer a relação econômica entre a Nigéria e a África do Sul. Entre outras, questões bilaterais, continentais e multilaterais de interesses como

insegurança, terrorismo, comércio e investimentos, mudança climática e integração africana foram discutidas entre os presidentes Zuma e Buhari.

Como observado, há algumas variações na natureza e no caráter das relações entre a Nigéria e os membros individuais dos BRICS. Os interesses econômicos têm sido um importante motor das relações entre cada um dos BRICS e a Nigéria, com uma forte ênfase na segurança energética, particularmente por países como a China e a Índia. A Nigéria assinou acordos econômicos com os diferentes Estados BRICS e vários deles evoluíram para parcerias estratégicas. Quase todos os Estados BRICS tendem a retratar suas relações com a Nigéria como mutuamente benéficas, desprovidas de exploração, e no espírito de cooperação Sul-Sul. Por exemplo, as autoridades indianas têm enfatizado que a orientação da política externa da Índia é projetada para promover “o interesse nacional esclarecido”; enquanto os formuladores de políticas indianas destacam claramente que a segurança energética é um elemento importante da política externa da Índia, particularmente no contexto do mundo em desenvolvimento. Enquanto isto sugere a natureza do interesse dos países BRICS em seus compromissos, os nigerianos aspiram a juntar-se aos 20 principais países até 2020, ou seja, a emergir como uma potência econômica.

Prospectos e Desafios enquanto a Nigéria emerge como uma Potência Econômica

Dos elementos de poder tangíveis e não tangíveis que a Nigéria possui, e que poderia aproveitar para emergir como uma potência econômica, o primeiro grande elemento é sua população, que se traduz como um mercado de larga escala para fabricantes de bens e serviços. Uma grande atração dos países desenvolvidos e emergentes para a Nigéria é a enorme base de mercado que foi colocada em mais de 170 milhões. O segundo elemento importante na vantagem da Nigéria é sua localização geográfica. Em termos de tamanho geográfico, o país tem 923,768 km². O país também é dotado de um clima favorável que suporta a rica produção agrícola de uma variedade de culturas de rendimento (milho, inhame, sorgo, mandioca, arroz, painço, amêndoas de palma, algodão, cacau, borracha e amendoim) enquanto seu acesso ao mar é uma vantagem para fins econômicos e militares. Além disso, a Nigéria é abençoada com recursos naturais como hidrocarbonetos, incluindo minerais sólidos como estanho, gás, minério de ferro, carvão, calcário, zinco, nióbio (The World Factbook 2008). Saliu (2010, 152) enfatizou este ponto argumen-

tando que, como alguns países estão posicionados como fontes de recursos naturais estratégicos, eles adquiriram alguma medida de poder e influência no sistema internacional. No entanto, não é suficiente para a Nigéria possuir enormes recursos estratégicos sem aproveitar o mesmo para o desenvolvimento nacional em geral.

Quanto à força e tamanho militares, embora a capacidade da Nigéria seja atualmente limitada em termos de produção de armas, ela não é apenas um ator altamente respeitado e experiente em operações internacionais de manutenção da paz em todo o mundo, mas também seu impacto, especialmente por via do mecanismo sub-regional, tem sido substancial. Desde que aderiu às Nações Unidas em 1960, a Nigéria participou de cerca de 25 operações de manutenção da paz da ONU em todo o mundo e produziu nada menos que onze comandantes de força (Galadima 2011, 302). O país ocupa a presidência da Organização Especial das Nações Unidas de Manutenção da Paz desde 1989, gastando enormes recursos humanos e materiais em apoio às operações de manutenção da paz. A Nigéria gastou mais de US\$ 10 bilhões na manutenção da paz somente entre 1990-2000 e perdeu dezenas de seu pessoal.

Um caso pode ser apresentado para a economia nigeriana como um determinante do poder e influência de uma nação. As exportações da Nigéria valeram US\$ 98,364 bilhões no quarto trimestre de 2013 (Economy Watch 2013), o que foi muito maior do que a maioria dos países do continente. O país produz 1,8-2,3 milhões de barris de petróleo bruto por dia (p/d), uma importante *commodity* que representa 95% das receitas de exportação nigerianas (Munyama 2009). O concorrente africano mais próximo da Nigéria nas exportações de petróleo, a Angola, produziu uma média de 1,9 milhões b/d em 2008 (Mthembu-Salter 2009, 4). Com reservas de petróleo estimadas em 32-36 bilhões de barris, incluindo enormes reservas de gás natural estimadas em 100-188 milhões de pés cúbicos de reservas, a impressão que se tem é que o Estado nigeriano é rico e seus cidadãos desfrutam de uma boa vida. Ao contrário, mesmo após um exercício de reformas que elevou o PIB anual da Nigéria no ano que terminou em dezembro de 2013 para um valor estimado de N80,3 trilhões (US\$ 509,9 bilhões), tornando-o o mais alto da África e a 26ª maior economia do mundo, seu desempenho econômico fica abaixo das expectativas.

Dados recentes da “Nigeria in Times of COVID-19: Laying Foundations for a Strong Recovery” (2019) mostram que cerca de 83 milhões de pessoas (equivalente a 4 em cada 10 nigerianos) viviam abaixo da linha nacional de pobreza em 2019. O relatório afirma ainda que com mais de

75% dos pobres vivendo no norte do país, sua dependência da economia informal ou da pequena agricultura os coloca em risco quando se considera a profunda e complexa relação que a região tem com a política, a agitação e a segurança. Basicamente, as populações que vivem na beira da linha da pobreza podem facilmente se juntar a esses 83 milhões se ou quando ocorre um choque. Como muitos países em desenvolvimento dentro dos BRICS e do N-11, a Nigéria enfrenta muitas realidades que a deixam altamente vulnerável a casos diários potencialmente grandes e mortes, tais como um grande tamanho populacional⁴, altas taxas de pobreza em relação à renda nacional⁵ e um fraco sistema nacional de saúde coordenado.

Antes do surto da COVID-19, esperava-se que o número de nigerianos pobres aumentasse em 2,3 milhões (devido ao crescimento da população), já que a taxa de pobreza aumentou em cerca de 0,1% de 40,1% em 2019 para 40,2% em 2020 (Cortes et al. jun. 2020). Entretanto, devido à recessão relatada, o número de nigerianos pobres deverá aumentar para 7,2 milhões, implicando em uma duplicação da taxa de pobreza para 2,4 pontos percentuais em 2020 (Cortes et al. jun. 2020). A previsão global relatada por profissionais do desenvolvimento e economistas é igualmente sombria. A previsão de base do *Global Economic Prospects* do Banco Mundial em junho de 2020 prevê uma contração de 5,2% do PIB global em 2020, descrita como a recessão global mais profunda das últimas décadas. Aparentemente, o relatório parece indicar que o dano já foi feito, pois espera-se que recessões profundas deixem cicatrizes duradouras por meio de baixo investimento, uma erosão do capital humano por via da perda de renda e escolaridade, uma erosão na riqueza dos investidores, e a fragmentação do comércio global e das ligações de abastecimento (Banco Mundial 2020). À medida que o número de perdas de vidas humanas aumenta, o surto continua a afetar a economia da Nigéria de várias maneiras diferentes, ao mesmo tempo em que perturba a atividade regional.

As medidas de distanciamento social implementadas pelo governo federal e a ordem presidencial para pôr o país em “*lockdown*” por períodos de duas semanas, destinadas a reduzir a propagação do vírus a nível comunitário e a pressão sobre um sistema nacional de saúde já fraco, tiveram efeitos

4 Índia: como o segundo país mais populoso do mundo tem o quinto maior número de mortos, relata a BBC. Até 12 de agosto de 2020, a Índia registrou mais de 50.000 novas infecções todos os dias nas duas semanas anteriores, e superou dois milhões de casos totais (BBC News 2020).

5 Seus vizinhos BRICS e N-11 não podem escapar de considerações econômicas semelhantes visto que as populações da África do Sul, 55,5 milhões, e do México que vivem abaixo da linha de pobreza de renda nacional têm taxas altas semelhantes à da Nigéria.

mais adversos relacionadas a outras medidas, levando as atividades econômicas e sociais à estagnação. Isto incluiu a queda no consumo doméstico, pois as restrições ao movimento forçaram os consumidores a gastar menos em bens e serviços de luxo (hotéis, restaurantes) e mais em bens e serviços essenciais. Como as expectativas de renda futura caíram⁶, particularmente para os trabalhadores com contratos de curto prazo e para os da economia informal, esperava-se que a erosão da riqueza levasse a um declínio em ativos como ações e patrimônio familiar. Considerando as grandes inseguranças que vêm com a incerteza sobre a duração da pandemia, uma queda nos preços das ações persiste à medida que a Bolsa de Valores nigeriana registra seu pior desempenho desde a crise financeira de 2008. Uma consequência não intencional das medidas de contenção do governo federal foi um declínio acentuado na produção. Propaga-se que as rupturas das cadeias de abastecimento devido ao “*lockdown*” começarão a ter um efeito imenso na estação de plantio e no rendimento agrícola no próximo ano.

Antes da pandemia, lembramos que o governo federal vinha lutando com um coquetel de desafios macroeconômicos e microeconômicos. Estes incluem a fraca recuperação do choque dos preços do petróleo de 2014, já que o crescimento do PIB dançou em torno de 2,3% em 2019. Embora a economia estivesse se recuperando gradualmente da recessão de 2016, a renda per capita ainda estava caindo à medida que o crescimento econômico não acompanhava o crescimento populacional (Cortes et al. jun. 2020). A taxa de crescimento do PIB da Nigéria melhorou ligeiramente em 2019, refletindo o aumento da produção de serviços. De acordo com o relatório OCHA (2021, 1) intitulado “*Nigeria in Times of COVID-19: Laying Foundations for a Strong Recovery*”, 2019 viu algum fortalecimento na recuperação econômica, já que o crescimento anual do PIB atingiu 2,2%. Em fevereiro de 2020, o FMI revisou a taxa de crescimento do PIB de 2,5% para 2% em 2020, como resultado dos preços relativamente baixos do petróleo e do espaço fiscal limitado (Onyekwena e Ekeruche 2020).

A análise de Onyekwena e Ekeruche destaca a relação de 60% entre serviço da dívida e receita da Nigéria, em abril de 2020, como uma fonte de preocupação para os formuladores de políticas. O relatório deles afirma que

6 O impacto inevitável sobre o mercado de trabalho mostra até que ponto o emprego em determinados setores da economia é tão instável quanto crítico para a sustentabilidade econômica. As perdas de empregos relatadas em organizações privadas, em que o pessoal tem seus contratos rescindidos e/ou seus salários cortados, levaram a interrupções nos mercados e cadeias de suprimento. Por exemplo, os jornais Punch alegadamente demitiram cerca de 40 membros da sua equipe no final de maio devido a uma queda maciça na receita gerada pelos anúncios que estavam sendo usados para manter os custos gerais de pessoal.

isto provavelmente piorará em meio à queda acentuada da receita associada à queda dos preços do petróleo, o que, por sua vez, irá agravar o impacto econômico da pandemia e tornará mais difícil para o governo resistir à crise. Em junho de 2020, Ayoade observou que os mercados petrolíferos estavam em uma tendência decrescente devido à queda da demanda, impulsionada pela COVID, registrando a maior baixa em 18 anos no comércio, a menos de 22 dólares por barril (Ayoade 2020), e a subsequente queda no volume e valor das exportações líquidas da Nigéria.

Para aliviar o peso das medidas preventivas do governo sobre as empresas, o governo implantou várias medidas, a saber, o pacote de estímulo fiscal do Banco Central da Nigéria (CBN). Isto incluiu uma linha de crédito de 50 bilhões de nairas (US\$ 138,89 milhões) para famílias e pequenas e médias empresas mais afetadas pela pandemia, um empréstimo de 100 bilhões de nairas (US\$ 277,78 milhões) para o setor de saúde, e um trilhão de nairas (US\$ 2,78 bilhões) para o setor manufatureiro (Onyekwena e Ekeruche 2020). Ayoade lista outras iniciativas do CBN, tais como a moratória adicional de um ano sobre as instalações de intervenção do CBN, a redução da taxa de juros sobre as instalações de intervenção de 9% para 5%; a ativação do Projeto InfraCo de N1,5 trilhão para a construção de infraestrutura crítica; o fortalecimento da política de taxa de empréstimo para depósitos, a intervenção adicional de N100 bilhões em empréstimos de saúde para empresas farmacêuticas; e o empréstimo N1 trilhão para impulsionar a fabricação e a produção local em setores críticos (Ayoade 2020).

É aqui que a força econômica do governo pode ser medida para avaliar até que ponto as políticas governamentais podem mitigar os impactos da pandemia em geral e das contrações econômicas, e lançar as bases para uma forte recuperação. Muitos comentaristas acreditam que o grau em que o governo pode ir mais longe em sua medida está muito além do grau que chegou até o momento, visto que as recomendações sobre reformas políticas vitais para apoiar o crescimento econômico e a criação de empregos a médio prazo foram solicitadas por Cortes et. al. (junho de 2020). Seu relatório discute opções de políticas em cinco áreas críticas que podem ajudar a Nigéria a se recuperar do impacto da pandemia de COVID-19 enquanto constrói uma economia mais forte. Estas incluem:

- Conter o surto e preparar-se para um surto mais grave
- Melhorar a gestão macroeconômica para aumentar a confiança dos investidores
- Salvaguardar e mobilizar receitas
- Repriorização dos gastos públicos para proteger os investimentos críticos de desenvolvimento e estimular a atividade econômica
- Proteger as comunidades pobres e vulneráveis

Embora antes de 2020, a classificação do Índice de Desenvolvimento Humano da Nigéria tenha desempenhado um papel significativo na avaliação quantitativa e qualitativa do desenvolvimento das capacidades humanas em relação ao crescimento econômico, uma análise mais aprofundada da pesquisa e da análise de desenvolvimento causada pela COVID mostra um lado mais humano do impacto das contrações econômicas. O ranking do IDH de 2008 foi um desolador 154^o no mundo, com uma expectativa de vida de apenas 47 anos, e a taxa de mortalidade de menores de cinco anos em 2005 foi de um terrível 194 por 1.000 nascidos vivos (Mthembu-Salter 2009, 4).

Quase dez anos depois, o Índice Multidimensional de Pobreza Global (IPM) de 2019, indica que 46,0% da população da Nigéria está vivendo abaixo da linha nacional de pobreza. Sem dúvida, isto não pinta o quadro de uma economia saudável – um fator importante a ser considerado para que a Nigéria se torne uma grande potência econômica – e mostra que a gestão e a recuperação do impacto da pandemia do coronavírus e do choque do preço do petróleo associado a ela exigirá a intervenção tanto do setor público quanto do privado. Outros elementos intangíveis, muito importantes, embora não quantificáveis, nas permutações de poder incluem a qualidade da liderança, o nível de apoio que o país desfruta no sistema internacional, o nível de participação do cidadão e sua utilização da diplomacia com prudência para atingir seus objetivos nacionais.

Conclusão

Neste artigo, examinamos a relação da Nigéria com os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) como um bloco de potência global emergente. Observamos que o sucesso econômico registrado pelos BRICS levou os analistas a clamarem por uma repetição de um impacto do tipo BRICS, levando à busca do próximo grupo de países, que o Goldman Sachs identificou como os Próximos 11 (N-11) mercados de crescimento. O documento também

observa que os estudiosos tentaram fazer uso de medidas como energia, urbanização, infraestrutura, saúde e tecnologia para avaliar o desempenho e as perspectivas do N-II, servindo de trampolim para a ascensão de membros deste grupo como potências econômicas. Em essência, a expectativa é que os países do N-II possam replicar as interessantes histórias de crescimento dos BRICS. A realidade, entretanto, é que estas medidas foram, na melhor das hipóteses, generalizadas. De importância neste documento é a posição da Nigéria em relação aos BRICS e a natureza de suas relações com os países BRICS individualmente.

Sem dúvida, certos elementos de poder, incluindo geografia, tamanho da população e os recursos econômicos, força militar e experiência diplomática, estão à disposição da Nigéria para alcançar grandeza como potência econômica, influência e reconhecimento. O documento ressaltou o fato de que os desafios colocados pela queda dos preços do petróleo no mercado internacional e suas implicações para o crescimento econômico e o desenvolvimento da Nigéria foram ainda mais exacerbados pela pandemia de COVID. O artigo conclui observando que, dada a dinâmica do poder econômico, os países que procuram melhorar seu status de poder econômico foram além da sigla e se concentraram no desenvolvimento econômico estratégico que, por sua vez, foi baseado em suas aptidões e capacidades tecnológicas. Consequentemente, as perspectivas de emergência da Nigéria como potência econômica e o futuro de suas relações com o bloco global de potência emergente, como os BRICS, estão ligadas à sua superação dos desafios críticos que tornaram o país prostrado mesmo antes do surgimento das disrupções da COVID-19.

Referências

- Adebajo, A. 2006. *Prophets of Africa's Renaissance: Nigeria and South Africa as Regional Hegemons*, Occasional Paper Series No. 3. Lagos: Nigerian Institute of International Affairs.
- Ayoade, O. 2020. *The Economic Repercussion of Coronavirus Pandemic on Nigerians*. Pulitzer Center on Crisis Reporting: <https://pulitzercenter.org/reporting/economic-repercussion-coronavirus-pandemic-nigerians>.
- BBC News. 2020. *Coronavirus pandemic: Tracking the global outbreak*. BBC News: <https://www.bbc.co.uk/news/world-51235105>.
- Bremmer, I. e Keat, P. 2009. *The Fat Tail*. Oxford: Oxford University Press.

- Bukarambe, B. 2005. "Nigeria–China Relations: The unacknowledged Sino-dynamics". In *New Horizons for Nigeria in World Affairs*, editado por Ogwu, J., 233–234. Lagos: Nigerian Institute of International Affairs.
- Chima, O. 2011. "ECOBANK partner Airtel on mobile banking", *This Day*, Lagos, June 07, 2011.
- COMTRADE. 2019a. *Nigeria exports to Brazil*. <https://tradingeconomics.com/nigeria/exports/brazil>.
- _____. 2019b. *Nigeria imports from Brazil*. <https://tradingeconomics.com/nigeria/imports/brazil>.
- Cortes, M. et al. 2020. *Nigeria in Times of COVID-19 : Laying Foundations for a Strong Recovery*. Washington, D.C.: World Bank Group.
- Folarin, S., Ibieta, J. e Chidozie, F. 2014. *Nigeria and the BRICS: Regional Dynamics in Developing Economies' Studies*. eprint.covenantuniversity.edu.ng.
- Fubin, P. Y. 2011. *China and the BRICs - golden years ahead*. <http://www.bbc.co.uk/news/business-15911603>.
- Galadima, H. S. 2011. "Nigeria in International Peacekeeping". In *Nigeria in the Global Arena: Past, Present and Future*, editado por Agbu, Osita and Oche, Ogaba, 301-327. Lagos: FOG Ventures.
- High Commission of India, Abuja-Nigeria. 2020. *India-Nigeria: Partners Against the Pandemic*. <https://hciajuja.gov.in/pdf/Publication%200n%20India%20Nigeria%20during%20Pandamic.pdf>.
- Indian High Commission, Abuja, Nigeria, 16 mar. 2011.
- Ibeanu, O., Umezurike, C., e Nwosu, B. 2007. "Interest, Competition and Cooperation in Nigeria-South Africa Relations: An Analysis of the Diplomacy of Transitional States", *Nigerian Journal of International Affairs*, Volume 33, Number 1, 9-43.
- Johnson, S., 2012. *Next 11 and Civets vie to be Next Bric Thing*. <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/e70d1e04-bd04-11df-954b-00144feab49a.html#axzzzh8bktp1J>.
- Kan-Onwordi, T. 2007. "Nigeria-South Africa Trade." *Zenith Economic Quarterly*, Volume 2, Number 9, Janeiro, 56-60.
- Lawson, S., Heacock, D. e Stupnytska, A. 2007. *Beyond the BRICS: A Look at the Next 11*, s.l.: Goldman Sachs.
- Lohor, J. 2005. "Nigeria, Brazil Sign Bilateral Agreements", *This Day Online*, Nigeria, 6 set. 2005.

- Mthembu-Salter, G. 2009. "Elephants, Ants and Superpowers: Nigeria's Relations with China", *South African Institute of International Affairs, Occasional paper No. 42*.
- Nigeria and Brazil work Together to double their bilateral trade volume by 2015*. www.nigeriabrazilchamber.org/index.php/about/item/12-Nigeria-and-Brazil-work-together-to-double-their-bilateral-trade-volume-by-2015.
- Nyabiage, J. 2020. "Work begins on Nigeria's China-funded US\$2.8 billion gas pipeline," *South China Morning Post*, 2 jul. 2020 <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3091533/work-begins-nigerias-china-funded-us28-billion-gas-pipeline>.
- O'Neill, J. 2001. "Building Better Global Economic BRICs", *Goldman Sachs Global Economics Paper*, 66, 30 Nov. 2001. <http://www2.goldmansachs.com/our-thinking/brics/building-better.html>.3.
- Obayuwana, O. 2013. "What Nigeria will gain from Jonathan's visit to China", *The Guardian*, 11 jul. 2013.
- OCHA. 2021. *Nigeria Situation Report, 21 Jan 2021*. The United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs Retrieved from <https://reliefweb.int/report/nigeria/nigeria-situation-report-21-jan-2021> em 4 fev. 2021.
- OECD. 2020. *The impact of the coronavirus (COVID-19) crisis on development finance*. Paris: Secretary-General of the OECD.
- Ogunmade, O. 2019. "Nigeria: Buhari, Putin Sign Pact On Military," *This Day*, 24 out. 2019. <https://allafrica.com/stories/201910240086.html>.
- Ogunsanwo, A. 2008. "A Tale of Two Giants: Nigeria and China". In *Crouching Tiger, Hidden Dragon?* editado por Ampiah K e S Naidu. Scottsville: University of KwaZulu-Natal Press.
- Onuoha, J. 2008. *Beyond Diplomacy: Contemporary Issues in International Relations*, 2008 Nsukka: Great AP Express Publishers.
- Onyekwena, C. e Ekeruche, M. 2020. *Understanding the impact of the COVID-19 outbreak on the Nigerian economy*. Brooking institute: <https://www.brookings.edu/blog/africa-in-focus/2020/04/08/understanding-the-impact-of-the-covid-19-outbreak-on-the-nigerian-economy/>.
- Press report from Group of 15: The summit level group of developing countries', Geneva.

- Qobo, M. 2011. "Emerging Powers and the Changing Global Environment: Leadership, Norms and Institutions", *Occasional Paper No. 91*, South African Institute of International Affairs, Emerging Powers and Global Challenges Programme, September 2011.
- Romildo, J. 2019. "Chancellor underscores Nigeria's role in Brazil-Africa ties," *Agência Brasil*, 11 dez. 2019 <https://agenciabrasil.ebc.com.br/en/internacional/noticia/2019-12/chancellor-underscores-nigerias-role-brazil-africa-ties>.
- The Economist. 2013. "Welcome to the post-BRIC world". <http://www.economist.com/blogs/freeexchange/2013/05/global-economy>.
- The Guardian News. 2016. "Gains, Pitfalls Of Nigeria's Currency Swap Deal With China", 18 abr. 2016.
- The Guardian News. 2019. "Buhari returns to Abuja after Russia-Africa Summit at Sochi," 25 out. 2019. <https://guardian.ng/news/buhari-returns-to-abuja-after-russia-africa-summit-at-sochi/>.
- Thornton, G. 2012. *The BRICs: Propping Up the Global Economy*, s.l.: Grant Thornton International Ltd.
- Vines, A., Wong, L., Weimer, M. e Campos, I. 2009. *Thirst for African Oil: Asian National Oil Companies in Nigeria and Angola*- A Chatham House Report, London: Chatham House.
- WHO-OECD – World Bank. 2018. *Delivering quality health services: A global imperative for universal health coverage*. WHO-OECD-World Bank joint publication.
- WHO. 2020. *WHO: People living longer and healthier lives but COVID-19 threatens to throw progress off track*. WHO: <https://www.who.int/news-room/detail/13-05-2020-people-living-longer-and-healthier-lives-but-covid-19-threatens-to-throw-progress-off-track>.
- _____. 2020. *Coronavirus disease (COVID-19) Situation Report – 206*. Geneva: WHO.
- Wilson, D. e Stupnytska, A., 2007. *The N-11: More Than an Acronym*, New York: Goldman Sachs.
- World Bank 2013. *Health Expenditure, Total (percentage of GDP)*. <http://data.worldbank.org/indicator/SH.XPD.TOTL.ZS>.
- _____. 2020. *June 2020: Global Economic Prospects*. Washington: International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank.

RESUMO

Desde o surgimento dos BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – ocorreram muitas mudanças no ambiente global. Os BRICS não têm servido apenas como plataforma diplomática para seus compromissos multilaterais e negociações de seus países membros, mas também como um veículo para impulsionar as interações políticas, econômicas e socioculturais dos membros com outros países, como a Nigéria. O lançamento de Jim O’Neill do relatório dos *Next Eleven* (Próximos Onze, em português) trouxe à tona as perspectivas do surgimento de outro grupo de poder ou do futuro alargamento dos BRICS. Com base na proposição anterior de que o grupo dos *Next Eleven* (de onze países) estão no caminho certo para alcançar os BRICS, contanto que sustentem seus níveis de crescimento, este artigo examina a posição da Nigéria nos Próximos Onze vis-à-vis aos BRICS, com referência particular às perspectivas de seu surgimento como uma potência econômica antes e depois da pandemia de COVID-19. Conforme observado, apesar de a Nigéria possuir elementos críticos de poder que incluem geografia, tamanho da população e recursos econômicos, força militar e experiência diplomática, ainda não conseguiu aproveitá-los para alcançar prosperidade e grandeza. Conclui-se, portanto, que as perspectivas do país, incluindo o futuro de suas relações com blocos de potências emergentes globais, como os BRICS, dependem de sua superação de desafios críticos que prostraram o país antes mesmo das rupturas de sua economia provocadas pela pandemia de COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE

Nigéria-BRICS. Poder econômico. Pandemia de COVID-19.

Recebido em 15 de novembro de 2020

Aceito em 4 de fevereiro de 2021

Traduzido por Artur Holzschuh Frantz